

# EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS – BALE

Diana Maria Leite Lopes Saldanha<sup>1</sup>

A leitura vista enquanto instrumento necessário à formação humana assume diversas funções, como prática social, dialógica, por prazer ou crítica, a verdade é que essa prática é intrínseca ao ser humano e se manifesta na sua vida cotidianamente. A questão que merece reflexão é a formação de leitores e, com isso, as funções que as bibliotecas desempenham para essa formação, que ações são realizadas com vistas convidar o indivíduo a leitura.

Partindo desse pressuposto, este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, versa sobre práticas de leitura e formação de leitores no contexto da preparação de professores. A pesquisa tem como objeto de análise os discursos dos graduandos/ ex-graduandos que participam do *Projeto de extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE* do *Campus Avançado* de Pau dos Ferros/ UERN e objetiva investigar as contribuições do BALE para a formação de mediadores de leitura que nele atuam.

A pesquisa é norteada pela abordagem sócio-histórica e utiliza dados de questionário e entrevista coletiva como corpus discursivo nos quais cinco sujeitos – graduandos/graduados dos cursos de Pedagogia e Letras – informam sobre suas práticas no BALE.

## A leitura na contemporaneidade

Os estudos e pesquisas que tematizam a leitura têm aumentado de forma nítida em nosso país. Galvão (2001) explica que esses estudos contribuíram para questionamentos de duas crenças que perduram há décadas voltadas para esse tema: a primeira problematiza a afirmação aparentemente óbvia, “[...] a leitura tem uma história” (GALVÃO, 2001, p. 78), está relacionada ao contexto de cada sociedade, ocorrendo de forma diferenciada e em tempos diferentes. A segunda crença, ainda de acordo com Galvão, “[...] identifica a leitura à leitura de um conjunto de textos específicos, valorizados pela tradição cultural e desvinculados de qualquer função utilitária.” (*Ibid.*, p. 78). Essa crença evidencia o fato de que ler carrega a ideia de ler livros e livros de narrativas literárias, fato que ajuda-nos a entender que é necessário rever nossos discursos e pre-noções, pois carregam toda uma marca histórica proveniente dos ideais que norteiam as questões sociais, políticas, econômicas e culturais das diferentes sociedades em cada época. As pesquisas sobre a leitura evidenciam a prevalência de concepção de leitura enquanto ato individual, ao invés de concebê-la como prática social de indivíduos que vivem em coletividades.

Cavallo e Chartier (1998) explicam que a história das práticas de leitura é uma história dos objetos e escritos e das palavras leitoras. Os textos são lidos de formas diferentes, de acordo com os modos de utilização, de compreensão e de apropriação dos discursos de cada época em sociedades específicas.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, RN, Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, RN, Brasil. E-mail: [dianalsaldanha@yahoo.com.br](mailto:dianalsaldanha@yahoo.com.br).

## As bibliotecas ambulantes e sua contribuição social para a promoção de práticas de leitura

As discussões acerca da leitura alastram-se há décadas, entretanto, continuamos a presenciar um fato que caminha junto a essa discussão – o enigma de acesso à leitura que é um problema que ainda não conseguimos resolver. Tal problema ganha várias desculpas: o descaso com a educação de qualidade, os altos preços dos livros, a falta de estímulo à leitura, o pouco investimento em bibliotecas públicas, etc. A verdade é que o resultado dessas questões é a negação do direito ao livro enquanto bem cultural, e, conseqüentemente, o direito de ler. Deparamo-nos com uma situação desconfortável e preocupante que requer uma reavaliação e redimensionamento das políticas públicas para a maioria da população culturais.

Malgrado essa discussão permanecer nas pesquisas e discussões das universidades, ela não tem nada de novo, pois preocupa há décadas. A mesma pergunta procura respostas e demanda iniciativas que, pelo menos, minimizem esse fato, como o caso do surgimento das bibliotecas móveis há mais de século que é,

[...] um serviço de extensão bibliotecária da biblioteca pública, que é disponibilizado através de um qualquer meio de transporte (carro, barco, comboio, etc.) e por meio do qual são levados os serviços básicos de biblioteca até comunidades desfavorecidas pela sua localização geográfica (pequenas comunidades, áreas rurais, bairros periféricos de zonas urbanas) ou públicos específicos (prisões, lares de idosos ou escolas), e que a esses mesmos serviços não podem ter um fácil acesso (HENRIQUES, 2009, p. 32).

Esse serviço vem tentar preencher a lacuna das bibliotecas precárias ou inexistentes em locais de difícil acesso e/ou habitado por classes menos favorecidas. Insere-se enquanto política de democratização da leitura e revela a necessidade de melhoramento ou criação de bibliotecas fixas nesses locais atendidos.

As bibliotecas ambulantes surgiram há mais de um século desenvolvendo um trabalho relevante nas sociedades em que se inserem, visto que, de forma geral, têm como objetivo possibilitar o acesso à leitura a comunidades desprovidas desse bem cultural. De acordo com Lima,

Consistiam na ampliação do acesso ao livro e aos meios de leitura, procurando levar esse equipamento cultural até os bairros da periferia e interior de um determinado lugar, sobretudo naqueles lugares onde não existem bibliotecas públicas ou comunitárias (LIMA, 2010, p. 19).

Assim como enfatizado acima o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) segue a mesma ideia dessas bibliotecas, que também eram chamadas de itinerantes, *bibliobus*, móveis, etc., e carregavam livros em carroças, caminhões, carros utilitários (kombi) ou ônibus.

A criação do projeto que remonta ao ano de 2007, como dito pela idealizadoras, as professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas que o BALE se “constituiu numa iniciativa de atendimento ao interesse social e coletivo da comunidade pauperrense” (SAMPAIO; MASCARENHAS, 2006). Sua efetivação deu-se como ação extensionista, iniciativa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem – GEPPE, do Departamento do CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na cidade de Pau dos Ferros-RN. A implantação do Programa nessa cidade justificou pelo fato de,

[...] por ser distante dos grandes centros, desprovida de políticas administrativas eficientes, especialmente no âmbito da cultura e do lazer. Localizada na região do Alto Oeste Potiguar, a referida cidade, segundo o IBGE, disponibiliza para a população apenas uma pequena biblioteca municipal, com escasso acervo e sem envolvimento da comunidade local. Diante dessa realidade acredita-se que o Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, constitui-se num ponto de partida para democratização da leitura para comunidade paufferense. (SAMPAIO; MASCARENHAS, 2006, p. 06).

O BALE iniciou suas atividades nas comunidades dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio em Pau dos Ferros, visando disseminar o gosto pela leitura de forma lúdica e criativa, viabilizando o acesso das comunidades carentes a textos literários de gêneros diversos. Uma de suas tarefas também é atuar na contínua formação de leitores e mediadores de leitura.

Levar a leitura a comunidades distantes desprovidas desse bem cultural é primar pela garantia de um direito de todo cidadão, é conceber que a leitura como prática social ocorre nos mais diversos contextos, e convidar a pessoa para fazer parte de um mundo que pertence a ele e é necessário para compreender as desigualdades sociais e agir para transformá-las.

Do mesmo modo, propiciar o contato com o texto literário é reconhecer que a literatura contribui significativamente para a formação do indivíduo enquanto pessoa que tem sentimentos, emoções, problemas, conflitos, sonhos, desejos. A literatura trabalha as questões especificamente humanas faz viver o leitor.

Podemos afirmar que o BALE trabalha de forma dialógica porque proporciona adentrar em um mundo novo, fora das salas fechadas, propicia novas experiências e novas formas de conceber a leitura que passa a ser vista de forma ampla, não se limitando à clássicos, aos cânones, mas a textos variados, procurando chamar o leitor para ler o texto que ele prefere, que faz parte de seu universo.

Portanto, as ações desenvolvidas pelo programa são fundamentais para a formação de todo professor. Como consequência, possibilita que futuros docentes enxerguem a leitura como prática social que pode ser apresentada como direito de todos, e, para isso, faz-se necessário o redimensionamento das práticas tradicionais de leitura para dar lugar a uma nova didática de leitura com vistas à formação humana dos sujeitos que vivem em coletividades e que leem diversos textos, a partir de compreensões variadas.

### **BALE: experiências exitosas de leitura**

Ao analisarmos as respostas das jovens que participaram deste estudo, percebemos que a atuação delas no programa de extensão BALE foi fundamental para a formação leitora na graduação, elas passaram a enxergar a leitura por diferentes ângulos, bem como tiveram a possibilidade de vivenciar novas experiências com essa prática. Ao questionarmos sobre as contribuições que o BALE trouxe para sua formação acadêmica enquanto leitora, a resposta unânime é a de que o projeto contribui para essa etapa, pois possibilita o desenvolvimento do gosto pela leitura, em especial, a literária. Vejamos o que elas dizem:

O projeto BALE tem sido para mim uma porta aberta para o mundo encantado da leitura, através do projeto conheci várias obras literárias, como também infinitudes de autores, tudo isso me levou a ver e a sentir a leitura de forma prazerosa, de um jeito diferente de como eu via antes. (Sofia – dados do questionário).

As experiências vivenciadas no programa possibilitaram um novo olhar sobre a leitura e a literatura que passaram a ser enxergadas de forma mais ampla, diversificada, dissociada de preconceitos tão criticados por Márcia Abreu (2001) sobre os tipos de leituras adequadas, sobre as práticas de leituras eleitas como certas, a preferência pelos cânones, sem considerar a diversidade cultural de nosso país e, conseqüentemente, as práticas de leitura comuns à maioria da população. Vejamos,

**27. Mariana:** [...] as pessoas veem como se o BALE incentivasse só o gosto pela leitura literária, contasse apenas os clássicos e na verdade a proposta do projeto não é essa, quando a gente fala de leitura, a gente tá falando de cordel, a gente tá falando do jornal, a gente tá falando da revista, a gente tá falando da leitura de mundo, enfim essa diversidade de sentidos que a gente dá a leitura. (Trecho de enunciado de Mariana – Entrevista coletiva).

Nossos sujeitos da pesquisa indicam, em seus relatos, as ideias defendidas por Abreu ao mostrarem a importância e variedade de gêneros e textos que o programa trabalha para a formação do leitor, para chamar o sujeito para o ato de ler.

Concebemos as ações formativas do BALE como uma proposta de democratização da leitura, tendo em vista possibilitar o contato com a diversidade de textos, como prioridade para o texto literário, a literatura como direito humano, questão elucidada por Flor. Segundo ela,

**102. Flor:** [...] o BALE é uma política de democratização da leitura, quando você leva livros para crianças carentes que jamais teriam acesso aquilo, ele é uma prática, ele é uma política de leitura, está lá no projeto, eu não preciso chegar lá na escola e dizer olhe eu tou trazendo aqui esse livro porque no Brasil não tem políticas públicas de incentivo a leitura, por isso que eu tou trazendo esse livro, não, eu não preciso chegar para uma criança e dizer você vai ler Menina Bonita do laço de Fita porque eu não quero que você cresça com preconceito, não é assim, a literatura ela forma como a gente já discutiu isso ela forma e informa [...] se eu formo leitores então eu formo cidadãos capazes de ler, compreender e criticar, então, eu acho que o BALE é sim um projeto puramente político porque o que a gente faz é um ato político porque a gente tá democratizando a leitura [...] (Trecho de enunciado de Flor – Entrevista coletiva)

Nossas discussões apontam para a triste realidade brasileira, pois quando o assunto é leitura, estudos e dados mostram-nos que as políticas públicas de incentivo a essa prática, tão necessária em nosso país, parecem não ser bastante eficientes para mudar o quadro existente. Isso porque as bibliotecas, em sua maioria, continuam estagnadas no tempo, mantendo seu acervo intocável, carecendo de práticas que chamem atenção do leitor, que o atraia, que o convoque para o ato de ler, ou mesmo mantendo um acervo antigo e desorganizado.

Dessa forma, pudemos ver que o programa BALE assumiu o compromisso político de tentar mudar esse quadro, na experiência de formação docente de Flor, Mel, Sofia, Anny e Mariana, incentivando e disseminando a leitura, possibilitando o contato do texto/leitor/autor tanto na graduação como na comunidade e nos diversos espaços de atuação. Entretanto, sabemos que esse processo se dá a longo prazo, cujos resultados vão sendo percebidos aos poucos e gradativamente nas ações futuras dessas jovens.

## Referências

ABREU, Márcia (Org.). Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In.: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar** – espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001. p. 139-157. (Coleção leituras no Brasil).

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. Editora Ática, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de professores e professoras: o que diz a historiografia da educação brasileira. In.: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e Navegar**: espaços e percursos de leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001.

HENRIQUES, João Carlos Ribeiro. **Na estrada com os livros**: as bibliotecas móveis como solução de acesso a serviços de bibliotecas num país de contrastes. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. Tese de mestrado. Disponível em: <<http://www.bibliobuses.com/documentos/Joao%20Carlos%20Henriques.pdf>>. Acesso em: 05.12.2012.

LIMA, Rosa Núbia Pereira Lima. **Informação e educação**: um estudo do impacto do projeto BiblioSESC no desempenho escolar dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Dom Hélder Câmara. Monografia de Graduação. João Pessoa, 2010, 60 p. UFPB.